

# VELHICES: EXPERIÊNCIAS DE CLASSE, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

*Data de submissão: 21/10/2024*

*Data de aceite: 01/11/2024*

**Rosemeire Scatena**

Dra.

**RESUMO:** Trata-se de uma pesquisa de pós-doutoramento, centrada no tema da velhice e as opressões de gênero, raça, sexualidade e classe social. Os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa são aproximações sucessivas com referências bibliográficas que tratam sobre o tema do envelhecimento e da velhice, as opressões de gênero, raça e sexualidade a partir da experiência da classe trabalhadora na sociedade capitalista, utilizando-se da pesquisa da história oral de oito participantes com 60 anos ou mais que viveram do trabalho, distribuídos entre dois homens brancos e dois negros, duas mulheres brancas e duas mulheres negras. A análise dos resultados da pesquisa será orientada pela perspectiva analítica da Teoria da Reprodução Social – TRS. Os resultados iniciais já confirmam os pressupostos centrais da pesquisa, indicando que os avanços da tecnologia da saúde na direção de maior longevidade não tem sido garantia de qualidade de vida a pessoa idosa, o mito da velhice assexuada,

as opressões de raça, gênero e classe estão entrelaçadas com a experiência de vida das pessoas idosas e se acentuam nessa etapa de vida e não podem ser desconsideradas em estudos da velhice na sociedade capitalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Velhice, gênero, raça, sexualidade e classe social

**ABSTRACT:** This is post-doctoral research, focused on the theme of old age and oppression of gender, race, sexuality and social class. The methodological procedures adopted for the research are successive approximations with bibliographical references that deal with the topic of aging and old age, the oppressions of gender, race and sexuality based on the experience of the working class in capitalist society, using history research oral speech of eight participants aged 60 or over who made a living from work, distributed between two white men and two black men, two white women and two black women. The analysis of the research results will be guided by the analytical perspective of the Theory of Social Reproduction – TRS. The initial results already confirm the central assumptions of the research, indicating that advances in health technology towards greater longevity

have not been a guarantee of quality of life for the elderly, the myth of asexual old age, the oppression of race, gender and class they are intertwined with the life experience of elderly people and are accentuated at this stage of life and cannot be ignored in studies of old age in capitalist society.

**KEYWORDS:** Old age, gender, race, sexuality and social class

## **PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E VELHICE: ESTUDO GERACIONAL À LUZ DA TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL – TRS**

### **1 | INTRODUÇÃO**

O presente documento descreve o desenvolvimento de uma pesquisa, centrada no recorte temático do processo do envelhecimento e da velhice, inserido numa provocação reflexiva nas dimensões das opressões de raça, gênero e controle de sexualidade que são constitutivas da experiência de vida e das relações sociais na sociedade capitalista, objetivando subsidiar e fundamentar os estudos e preocupações do pós-doutoramento que envolvem o tema do envelhecimento orientado pela perspectiva analítica da Teoria da Reprodução Social – TRS.

A escolha da temática do envelhecimento e da velhice resulta de um acúmulo de experiências pessoal, profissional e acadêmica que marcam minha trajetória de vida. Na dimensão da trajetória de vida pessoal, mesmo antes de quaisquer aproximações intelectuais e até mesmo do avanço de estudos no campo da geriatria e gerontologia, o convívio com pessoas idosas, desde a infância até a fase adulta, deram contornos a minha experiência de vida.

O processo de envelhecimento e a pessoa idosa sempre estiveram presentes na minha trajetória de vida, desde a infância até os dias atuais, quando experimento o processo de envelhecimento na minha própria vida, aos 62 anos de idade. Assim, são práticas vividas e reflexões teóricas que se entrecruzam, num esforço de buscar respostas e provocar reflexões na direção de garantir ao aumento da longevidade da vida humana também satisfação de viver mais anos com qualidade de vida.

Ainda na infância, a velhice e a pessoa idosa traziam inquietações, vez que convivia diariamente com pessoas idosas, tanto meus pais biológicos que tinham idade superior a média dos pais das minhas amigas e amigos, bem como morávamos com meus tios solteiros com idade avançada e avós maternos para que minha mãe prestasse os cuidados a estes. No decorrer dos anos, entre minha infância e pré-adolescência, minha avó paterna também veio morar conosco para receber cuidados da minha mãe.

Durante toda minha infância, adolescência até fase adulta, convivi cotidianamente com pessoas idosas, tanto do lado paterno quanto materno, sendo a única criança em meio a tantas pessoas idosas.

No decorrer dessa trajetória de vida pessoal, marcada pela forte presença da

velhice e do convívio com pessoas idosas, presenciei as distintas formas de experimentar o processo de envelhecimento e a própria velhice até a morte dessas pessoas próximas por laços de parentesco.

Convivi com pessoas que envelheceram de forma saudável, alcançaram seus 90 anos ou mais, lucidas, com limitações físicas próprias de um processo natural de envelhecimento das células e de seu corpo biológico até chegarem a morte, mas também convivi com pessoas idosas que foram acometidas por doenças crônicas como o Acidente Vascular Cerebral (AVC) e tiveram sequelas, incluindo processos demenciais, definindo anos após anos, até a morte. Presenciei pessoas idosas que até o fim de suas vidas foram cuidadas e amparadas nas suas necessidades físicas e afetivas, mas também aquelas pessoas idosas do meu convívio que experimentaram a pobreza e o desamparo afetivo, sendo cuidados exclusivamente por minha mãe. Assisti, vivi, convivi e ajudei cuidar dessas pessoas idosas, ao lado da minha mãe, também idosa.

Ironicamente, ou cilada do destino, ao concluir a primeira graduação em Educação Física, motivada pelo interesse em tornar-me técnica esportiva, ao finalizar a graduação, contrariamente, meu primeiro emprego foi para atuar com ginástica para Terceira Idade, nos idos dos anos 80, quando essa atividade ainda era uma novidade.

Abandonei as minhas intenções de atuar na área de esportes coletivos e passei a me dedicar as atividades físicas voltadas para pessoas idosas. Com o passar dos anos, tais atividades foram se disseminando, os grupos e programas de Terceira Idade se expandido e assim também ampliando estudos e atividades voltadas para o processo de envelhecimento e velhice.

Alterei os rumos da minha trajetória acadêmica e profissional, cursando Serviço Social e incontáveis cursos na área da Gerontologia e das ciências sociais. Adentrei fortemente uma busca de conhecimento nesse campo temático da velhice e seu processo. Em alguns momentos me afastei, mas sempre retornando ao tema.

E hoje, vivenciando o ingresso no processo do envelhecimento, retorno a esta temática, com maior acúmulo teórico, conceitual, acadêmico e prático, porém, com muito mais inquietações sobre este processo da vida humana, inclusive, de certa forma, colocando-me como partícipe da pesquisa, quando ampliam-se os questionamentos, sendo estes quase diários, sobretudo por enquadrar-me no perfil dos participantes da pesquisa que pretendo investigar, excetuando-se a questão racial, vivenciei e vivencio a exploração de classe, opressão de gênero, os preconceitos relativos a sexualidades e o etarismo manifestado fortemente em nossa sociedade.

Assim, retomo as preocupações em torno do processo do envelhecimento e da velhice noutra perspectiva analítica: agora não mais analisada como um fenômeno isolado, mas sim como processo inserido no contexto das relações de produção e reprodução social que são determinantes das condições de vida humana em quaisquer ciclos etários.

Dessa forma, em primeiro lugar, registro a fundamental importância dos avanços

das tecnologias da saúde na direção de alcançar o prolongamento da vida humana em nossa sociedade. Não há dúvidas que a racionalidade técnica e científica da sociedade moderna nos presenteou com o aumento da longevidade, mas aqui já se registra também, a primeira inquietação: Em que condições concretas experimentamos a velhice nessa mesma sociedade que nos garantiu o prolongamento de nossa longevidade do ponto de vista biológico, negligenciando os preparos e cuidados requeridos neste ciclo etário? Como as áreas de conhecimento das ciências humanas vêm concebendo esses avanços das áreas das ciências naturais, resultando no prolongamento da nossa existência? É possível comemorar o aumento da longevidade sem aprofundar os debates sobre as condições de vida numa forma específica de sociedade, fundada numa relação de classes sociais, racializada, generificada e que exerce o controle sobre os corpos onde construímos toda nossa trajetória de vida?

Este estudo não tem a pretensão de discutir a qualidade de vida na velhice, sobretudo como um atributo individual, nem tampouco adentro na seara de “sacralizar” e/ou “satanizar” a velhice, tendo em vista que tem sido crescente os estudos de como envelhecer bem, termos como “Vida ativa”, “Melhor Idade”, “Terceira Idade”, dentre outros se disseminam em nossa sociedade, desde o *boom* do envelhecimento – não é essa nossa intenção.

Entretanto, é inegável a intenção de compreender esses significados atribuídos a velhice, enquanto tentativas de amenizar o peso e os desafios colocados ao processo do envelhecimento e a velhice, impulsionado pela incessante disseminação e consolidação de um ideário liberal que naturaliza as relações de desigualdade social, racial e de gênero.

Basta um olhar atento ao mercado sempre voltado para alcançar a maximização lucrativa, passando a investir fortemente em cosméticos rejuvenescedores, em turismo e lazer para a dita “Terceira Idade”, a oferta de planos de previdência privada, as redes sociais empenhadas em disseminar “receitas do bom envelhecer”, e assim por diante, tornando-se um mercado “milagroso” e fértil de consumo ao mesmo tempo que desloca a responsabilidade das condições do viver bem a velhice ao indivíduo.

Não pretendo aqui, enfrentar todas as dimensões que envolvem e atravessam esse processo, mas provocar reflexões sobre a velhice inserido num contexto mais amplo, no das relações sociais na sociedade capitalista ampliada: na relação direta com os modos de produção e reprodução social. Organização de sociedade esta que, a ética não é humana, mas sim o lucro incessante através da exploração da força de trabalho da classe trabalhadora, estruturada por relações generificadas, racializadas e de controle da sexualidade.

Nessa direção, reconheço de imediato que as pessoas envelhecem numa sociedade salarial, cuja sobrevivência e vivência se articula diretamente a uma renda advinda da venda da força de trabalho humano e útil para o capital, no caso daqueles que não são

proprietários dos meios de produção, ou seja, pessoas idosas da classe trabalhadora<sup>1</sup> experimentam uma relação distinta daqueles que são os proprietários dos meios de produção.

Aqui está um primeiro aspecto que pretendemos retomar, visto que tem sido muito recorrente na literatura a compreensão da velhice, no tocante a dimensão do trabalho, pelo viés utilitário – útil ou não útil para o capital, contido numa análise limitada aos aspectos econômicos do modo de produção capitalista, mediante suas limitações físicas e até mentais ocasionadas pelo envelhecimento biológico, a pessoa idosa trabalhadora torna-se “descartável”.

Não se trata de objeto deste estudo, mas precisamos olhar por outros ângulos as discussões relacionadas a aposentadoria e a previdência, para além da perspectiva da economia política, sobretudo numa sociedade capitalista no seu modelo financeirizado, onde os planos de previdência privada tem alcançado patamares absurdamente lucrativos para o setor privado e enfraquecendo cada vez mais o debate dos direitos sociais, sobretudo com o expressivo aumento da longevidade.

É sabido também que, o prolongamento da vida humana, resultante dos avanços das tecnologias da saúde, não garantiu o fim dos processos inexoráveis do envelhecimento biológico e nem tampouco a irradicação de doenças crônicas que acometem as pessoas idosas, impactando decisivamente num aumento dos gastos com medicamentos, incluindo tratamentos de saúde e hospitalização de maior tempo, além de muitas pessoas envelhecerem necessitando de cuidados domiciliares.

Neste contexto é que as pessoas idosas e a velhice exigem maiores investimentos e recursos, inversamente do que presenciamos em nossa sociedade sob a égide do capitalismo neoliberal que tem cada vez mais terceirizado sua responsabilidade para garantir segurança socioassistenciais e financeiras a velhice, implementando reformas previdenciárias que resultam em parcos rendimentos na aposentadoria, impactando decisivamente na qualidade de vida a pessoa idosa em várias dimensões, negligenciando o cuidado a estes cidadãos. E o que isso tem a ver com a produção e reprodução social nessa forma específica de sociedade?

Assim, temos a proposta de um estudo do processo de envelhecimento e da velhice, centrada na perspectiva da classe trabalhadora, situada numa formação específica do modo de produção e reprodução da sociedade capitalista, reconhecidamente generificada, racializada e de controle da sexualidade.

Essas várias dimensões fundamentais, são dimensões da diferença e que não são comparáveis, pois elas são iguais em peso causal que são determinantes nas práticas vividas pelas pessoas idosas. O grande desafio teórico que se coloca aqui é focar as

---

<sup>1</sup> “Classe trabalhadora”: conceito concebido nesse estudo a partir do aporte da Teoria da Reprodução Social (TRS), o qual reside num esforço de recentrar nossa compreensão das relações de classe, reelaborando a conceitualização sobre quem é a classe trabalhadora que será tratado mais adiante.

especificidades de cada dimensão e buscar um entendimento de como tudo se encaixa ou não nas práticas sociais desses sujeitos.

Nesse contexto teórico e reflexivo, brevemente explicitado até aqui é que, afirmamos nossa inquietude relativa a velhice e ao processo de envelhecimento, as práticas vividas nas relações sociais de pessoas idosas da classe trabalhadora, entrelaçadas com as dimensões de opressão raça, gênero e sexualidades.

A questão geracional é uma dimensão fundamental da vida social, impondo a análise articulada a outras dimensões fundamentais das relações sociais.

Neste sentido, assento minhas lentes de análise, na ideia fundamental de que o trabalho humano, atividade que nos diferencia dos outros animais e funda nossas relações sociais, está no centro da criação ou na reprodução da sociedade como um todo. Noção de trabalho aqui apreendida no seu sentido original proposto por Karl Marx, ou seja, como “a primeira premissa de toda a história humana”. Atividade humana esta, cuja noção foi corrompida pelo capitalismo que se limita a reconhecer apenas o trabalho produtivo para o mercado, considerado a única forma legítima de “trabalho”, classificando os “úteis” e os “incapazes” para o trabalho, aqui no segundo grupo estão as pessoas idosas.

Confrontando a essa interpretação única do trabalho do capitalismo, limitado a vinculação formal ao mercado é que me filio aos teóricos da reprodução social, compreendendo a relação entre o trabalho que produz mercadorias e o que produz pessoas como parte da totalidade sistêmica do capitalismo, ou seja, o trabalho produtivo (social) e o trabalho necessário, como Vogel(2013) localiza, no interior da categoria marxiana “trabalho necessário”, uma dupla dimensão, específica das sociedades capitalistas: sua divisão em dois componentes, o social e o doméstico.

Assim, ao me debruçar sobre este estudo, onde busco compreender o processo do envelhecimento e a velhice ao largo das óticas da economia clássica e dos formuladores de políticas públicas assentados exclusivamente num sistema econômico de produção que envolve trabalhadores e proprietários, conclamo a análise do trabalho reprodutivo diário e geracional que ocorre nas famílias, nas escolas, nas instituições e assim por diante, e se constituem o espaço da reprodução social do capitalismo e das relações sociais.

Articulada ao propósito estabelecido nesta pesquisa, busco na Teoria da Reprodução Social (TRS) a perspectiva analítica e a orientação para minha análise, teoria esta que,

“(...) diz respeito às questões de opressão (gênero, raça, sexualidade) de forma não funcionalista, já que a opressão é teorizada como estruturalmente relacionada e, portanto, moldada pela produção capitalista, e não às margens da análise ou como complemento de um processo econômico mais profundo e vital.” (Vogel, 2023:20)

A luz da TRS buscamos um esforço para compreender as práticas sociais de pessoas idosas nas relações sociais capitalistas, estruturadas por relações de exploração e opressão de gênero, raça e sexualidade, enquanto unidade da vida em sociedade, pois

gênero, raça, sexualidade e classe se entrelaçam nas relações de produção capitalista e são constitutivas numa unidade da experiência vivida pelas pessoas idosas que serão participantes de nossa pesquisa.

Dessa forma, partimos de seis pressupostos norteadores da pesquisa que se articulam entre si.

Primeiramente, a presença de lacunas relativas a produção de conhecimento em torno de estudos sobre a velhice que se fixam em teorias individualizantes e utilitaristas do processo do envelhecimento e negligenciam as opressões estruturantes e estruturadas na sociedade capitalista;

Um segundo pressuposto trata-se da fundamental importância da adoção de uma perspectiva expandida da produção capitalista nos estudos da velhice, confrontando com as ideias de pessoas idosas “útil” ou “inútil” para a sociedade capitalista.

O terceiro pressuposto a emergência da ruptura com a forma em que vemos o trabalho, propondo uma noção ampliada da categoria “classe trabalhadora”; aqui “pessoas idosas da classe trabalhadora”, trazendo a luz do conhecimento a relação das noções de “exploração” e “expropriação” da classe trabalhadora em todas etapas de vida.

O quarto pressuposto, se articula ao reconhecimento de que estudos geracionais são fundamentais na medida em que a noção das atividades de reprodução, nas sociedades capitalistas elas estão, especificamente, subordinadas ao capital.

O quinto pressuposto busca confirmar o ponto da reprodução social como um local privilegiado do conflito de classe e fundamental para análise do processo de envelhecimento e da velhice.

E, por fim, o sexto e último pressuposto, vincula-se a reconstrução do significado da categoria “classe trabalhadora” ou “proletariado”; e, a reconsideração teórica das relações de opressão para estudos geracionais na sociedade capitalista.

Assim, justificamos a relevância dessa pesquisa, mediante o reconhecimento do aumento da longevidade da vida humana, impactando em distintas dimensões das relações sociais e da vida cotidiana da pessoa idosa na sociedade moderna, estudos geracionais são urgentes e fundamentais, tanto para o benefício direto das condições de vida desta população idosa, quanto para o aprofundamento de estudos no campo da gerontologia, impactando nas definições de políticas públicas de corte social.

## **2 | O CAMINHO TRILHADO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

Esta pesquisa centra-se no objetivo principal de aprofundar estudos sobre a temática do processo de envelhecimento e da velhice, identificando as contradições inerentes a dinâmica do modo de produção capitalista e a reprodução social da classe trabalhadora, as opressões de raça, gênero e controle de sexualidade como estruturantes e estruturadas num modo específico de sociedade.

Tem como principais objetivos específicos: identificar as opressões de gênero, raça e controle da sexualidade experimentadas por pessoas idosas da classe trabalhadora; apreender a materialização das opressões de gênero, raça e controle da sexualidade de pessoas idosas da classe trabalhadora articulada a sua identidade na velhice; investigar as contradições subjacentes ao cotidiano da vida das pessoas idosas da classe trabalhadora enquanto totalidade da vida social no contexto da produção e reprodução social no modo de produção capitalista; e, analisar a noção de “exploração” e “expropriação” da classe trabalhadora no processo de envelhecimento e da velhice.

A orientação teórica para análise se assenta na Teoria da Reprodução Social (TRS), ferramenta analítica apresentando-se como uma proposta de renovação da própria teoria marxista no Brasil desde meados de 2018, quando também é lançada mundialmente, por vários intelectuais, enquanto campo de convergência político-teórico. Trata-se de uma proposta teórica-analítica que está sendo construída cotidianamente, com muita pesquisa, com muito trabalho de reflexão teórica, mas também de reflexão prática empírica.

A adoção desta ferramenta analítica se justifica por reunir um potencial de reorientar o debate marxista, desde um ponto de vista unitário sobre a reprodução da força de trabalho, considerando que não é só a partir da reprodução da força social de trabalho, mas é a partir de uma perspectiva integrativa, uma perspectiva unitária das relações de opressão, exploração, expropriação, dominação e alienação que se estabelecem as relações sociais na sociedade capitalista.

É uma proposta teórica que surge e ressurgiu como campo de convergência entre diferentes intelectuais e militantes que estão pesquisando desde a história e o dia a dia da classe trabalhadora racializada, generificada e controle de sexualidades, vista de sua maneira múltipla diversa, essa imbricação teórica entre lógica do capital e a história da classe trabalhadora. História cotidiana da força de trabalho. A história da produção da vida.

Ao reconhecer que esta teoria tem em seu centro o objetivo de desenvolver uma compreensão unitária das relações de opressão, exploração e alienação que compõem a realidade social na sociedade atual, subordinadas à “lógica do valor”, estas relações constituem este sistema na mesma medida em que constituem esta própria “lógica”. (Ibidem, 2020)

Essa compreensão, retoma a noção de totalidade social tal como foi desenvolvida por Karl Marx nos *Grundrisse*, considerada como reflexão necessária na direção de superar as dicotomias entre produção e reprodução social, natureza e cultura, e em última instância, base econômica e superestrutura política, requerendo a compreensão e análise da dinâmica que envolve a produção capitalista e a reprodução da vida cotidiana da classe trabalhadora.

Nesse contexto teórico, a TRS, ao se configurar como uma teoria unitária, ganha uma fundamental importância para estabelecer uma direção viável à compreensão da totalidade das relações sociais de desigualdades que compõe a sociedade, incluindo a

reprodução social, buscando desenvolver um problema antigo da teoria marxista do valor-trabalho: inclui uma compreensão sobre as formas não remuneradas de trabalho e busca responder qual seria a base material da opressão das mulheres no capitalismo e outras formas de opressões. (Ibidem)

A TRS empreende um esforço na direção de buscar compreender e explicar as opressões de raça, gênero e sexualidades no capitalismo, rompendo com concepções dualistas sobre a realidade social (por exemplo, ao considerar a persistência de um sistema patriarcal pré-capitalista independente e transhistórico que uma fase do seu desenvolvimento se combinaria com o sistema capitalista), suas raízes podem ser encontradas na busca por uma explicação unitária e sistêmica para tais fenômenos. (YOUNG, 1981; VOGEL, 2013 [1983], apud RUAS, 2020).

Assim, não separa a esfera econômica das esferas cultural, política e social, como afirma RUAS (2020), “(...) afirmar que, o capitalismo corresponderia ao modo de produção, enquanto o patriarcado às esferas cultural, política e social, é um equívoco”, pois essa dimensão leva a hierarquização entre as relações de classe e gênero, de exploração e opressões, identificando classe vinculada ao modo de produção e gênero as dimensões culturais e políticas, e ainda, a exploração limitada a relações de classe vinculadas ao modo de produção e opressões a reprodução social – enquanto, campo cultura e político, pensadas de forma dualista e não como totalidade da relações sociais.

A noção marxiana de totalidade social é recuperada explicitamente em contribuições mais recentes nas obras de Bhattacharya (2017b) e McNally (2017), cuja noção marxiana de totalidade social é chave para a compreensão unitária tal como apreendida hoje pela TRS. E, é nessa noção marxiana de totalidade social que nos possibilita afirmar a distinção de cada relação social que é constitutiva do capitalismo sem suprimir a sua unidade e determinação, e nem subordinar, homogeneizar ou diluir o particular no universal (RUAS, 2020).

O capitalismo necessita desenvolver suas contradições, as quais foram captadas e passíveis de análise com a noção de formas sociais necessárias à reprodução social do capital que Marx apreendeu em seus estudos.

Coloca-se o desafio de: como demonstrar aquilo que o ser é, mas também aquilo que não é? Como apresentar toda essa contradição? É aqui que necessariamente precisamos recorrer ao método dialético exposto por Marx nos Grundrisse, enquanto método de investigação. Assim, a categoria da totalidade social – em sua representação conceitual elaborada por Marx – é fruto de um movimento dialético, pois “Se o objeto analisado é contraditório, então é indispensável apresentar sua contraditoriedade”. (RUAS, 2020:387)

Amparada pelos apontamentos de RUAS (2020), onde a autora descreve o itinerário de investigação de O Capital, escrito por Marx, demonstrando a exposição dialética categorial é que propomos o estudo do processo de envelhecimento e da velhice.

Neste sentido, num primeiro momento pretende-se recompor o fenômeno do

envelhecimento, a partir de seu movimento real, como totalidade, isto é, como a unidade complexa, como fenômeno biológico e também um processo social da vida humana. Assim, o método de exposição de cada momento se iniciará nas suas formas mais abstratas e gerais, caminhando para as suas determinações mais concretas e aparentes.

Ou seja, partimos do processo de envelhecimento e da velhice enquanto forma aparente mais geral e abstrata, apreensível na realidade imediata para chegar na realidade mais profunda e, portanto, não aparente, da relação social que constitui o processo do envelhecimento e da velhice: a expropriação de sua condição de trabalhador formal e seu consequente reconhecimento na sociedade e as opressões que experimentam na sua trajetória de vida enquanto mulheres negras da classe trabalhadora, e sob o controle de suas sexualidades.

A intenção é, apresentar à luz da Teoria da Reprodução Social, o processo de envelhecimento e a velhice, primeiro em como aparece em sua forma abstrata, genérica, e em seguida, demonstrar como a relação contraditória entre as diversas velhices se constituem, ou seja, em sua forma mais complexa, enquanto unidade na totalidade das relações sociais. Esse percurso metodológico confirma e demonstra que não é possível obter um esclarecimento conceitual da velhice e de seu processo logo no início de uma exposição dialética categorial, ganhando sentido sistemático apenas por meio do posicionamento desta categoria velhice apenas por meio de seu posicionamento com respeito às outras categorias e ao todo.

(...) a chave do argumento marxiano está em considerar o avanço das categorias como um impulso derivado de suas próprias insuficiências para reconstruir a totalidade social. (...) A crítica da economia política é uma exposição dialética das categorias que desconstruem não só a escola clássica, mas a ciência que a embasava. (Ibidem, 2020:388)

A crítica aos estudos da velhice e do envelhecimento e a própria crítica ao fenômeno se constitui enquanto uma crítica imanente, que permanece no âmbito da experiência possível, e, assim agindo na apreensão da realidade através dos sentidos, por isso, aqui se revela a importância de nossa observação e o uso da pesquisa da História Oral para esse estudo.

Como nos estudos de Marx, não se pretende partir de uma apreensão do mais simples para uma mais complexa, justamente ao contrário, de sua forma mais complexa, como se apresenta na sua aparência o fenômeno da velhice e do envelhecimento no âmbito das relações sociais do capitalismo em sua fase atual, para uma reconstrução progressiva desse fenômeno (Essa reconstrução progressiva das formas está relacionada à particularidade que reveste a totalidade social capitalista), ou seja, o mais complexo poderá explicar as formas mais simples de experimentar esse fenômeno e não ao inverso. Essa busca de compreensão do mais complexo para o mais simples, possibilita uma reconstrução progressiva das formas do fenômeno na sua contradição, objetivando denunciar o seu

movimento inserido num contexto mais amplo de produção e reprodução social da vida em sociedade capitalista generificada, racializada e de controle das sexualidades.

(...) em Marx a totalidade social jamais pode ser vista como um resultado da soma das suas diferentes partes. (...) Ela necessariamente é um processo de apreensão dialética da realidade aparente sensível como concreto no pensamento, isto é, um processo de entendimento e questionamento da dimensão de sentido que aparece para nós.(RUAS, 2020:389)

Portanto, a totalidade não é o real-imediato, mas é a sua unidade como concreto vivido e concebido pelo pensamento e, por essa razão, vivo e determinado, não sendo apenas aquilo que está exposto na sua aparência, mas também o que está pressuposto nas relações sociais. (FAUSTO, 1987)

Descrever um fenômeno, aqui neste estudo, a velhice e o envelhecimento, com base apenas em nosso conhecimento empírico e/ou experiência, ou seja, com base limitada a nossa percepção imediata sobre esse fenômeno seria um equívoco, considerando que a realidade não fica a nossa disposição, pois ela precisa ser desvendada e descoberta. A apreensão do fenômeno estudado depende de uma rigorosa investigação científica, porém, não é todo tipo de investigação científica que nos leva a desvendar o fenômeno, por isso defendemos uma investigação dialética cujo ponto de vista específico para sua apreensão é o próprio ponto de vista daqueles que experimentam o fenômeno, pessoas idosas da classe trabalhadora, homens e mulheres negros/negras, que são os sujeitos históricos capazes de dirimir, as contradições experimentadas em suas trajetórias de vida.

E aqui, a partir desse lugar teórico que invisto no uso da perspectiva teórica analítica da Teoria da Reprodução Social para subsidiar e orientar nosso estudo sobre a velhice e o envelhecimento numa sociedade de classes, racializada, generificada e de controle das sexualidades.

Um primeiro aspecto que essa teoria coloca para nossa reflexão é o de pensar que o capitalismo em si, em seu movimento concreto de centralização, concentração e expansão, ele depende necessariamente de formas de opressão social, tanto econômicas – que viabiliza a exploração da força de trabalho – quanto extraeconômicas – que viabiliza a expropriação.

Então pensar a exploração capitalista, com um entrelaçamento da exploração e da expropriação é algo importante, que a TRS vai trazer, embora nem sempre de uma forma muito explícita, direta, mas traz consigo na sua reflexão. A exploração no capitalismo não é uma exploração neutra. É uma exploração que ela necessariamente é diferencial. A força de trabalho é explorada de uma forma desigual entre os diferentes corpos, nos quais a força de trabalho está materializada. Assim, a TRS chama a atenção para os corpos das pessoas trabalhadoras e para as condições de produção da vida material.

Sendo assim, tem essa insistência, muito grande por parte da TRS, inclusive de que os processos de reprodução da vida, eles podem atuar como freio no impulso na acumulação

e da possessão, porque eles são uma condição necessária para o desenvolvimento do capitalismo, para a acumulação do capital acontecer, mas também funciona numa dinâmica que é necessária porém contraditória – ao mesmo tempo que o capital precisa reproduzir força de trabalho como pressuposto de sua própria lógica, ele mesmo coloca empecilhos para reprodução dessa força de trabalho, na medida em que o modo de produção capitalista, cuja lógica subordina a produção da vida material e a produção de lucro. Então isso é algo fundamental para a TRS. (FONSECA, 2019)

Eis a importância de se revisitar o método em Marx e colocar a ideia do entrelaçamento entre produção capitalista, produção de valor e reprodução da vida, focado na dinâmica necessária, porém contraditória desse entrelaçamento.

Aqui estamos operando em diferentes níveis de abstração conceitual no sentido marxiano. Quando falamos em reprodução da força de trabalho, referimo-nos a uma série de dinâmicas concretas que não são só a reprodução dentro da família, e também a reprodução diária, cotidiana, geracional da força de trabalho dentro da família, mas pode ser também essa reprodução tomando espaço em outros lugares, e o que importa para a TRS é girar o olhar para essa dinâmica da produção da força de trabalho e tentar entender como essa dinâmica sustenta do ponto de vista lógico também a produção de valor, não só do ponto de vista histórico.

É isso que a faz uma teoria unitária das relações de opressão, partindo de uma proposta de que essas relações de opressão: classe, raça, gênero e controle das sexualidades tem uma ontologia comum no capitalismo especificamente. Esse modo de produção é forjado no imbricamento total dessas formas sociais, que são inclusive, ao mesmo tempo resultado e pressuposto desse modo de produção. São relações sociais que se constituem, são integrativas, mas mais do que isso, são uma só relação social.

Partimos do pressuposto de como o próprio capitalismo, a própria classe é forjada de maneira racializada, generificada, sexista numa lógica heteronormativa. Como o próprio processo de acumulação primitiva do capital, e aí se incluindo o coronelismo etc., enfim, todo o processo que deu origem ao capitalismo é um processo que em si forja essas relações enquanto uma unidade. Enquanto uma totalidade.

Dentre os vários aspectos considerados fundamentais dessa teoria, para este estudo, destaca-se em primeiro lugar como marco decisivo dessa teoria o esforço de resgatar a noção marxiana de totalidade social, ora já apresentada nos *Grundrisse Marx* (2011 [1857-1858]), a qual define de forma explícita a categoria de totalidade social e articula as noções de *aparência* (identidade) e *essência* (diferença), apontando a complexidade da realidade material e dos processos de apreensão desta realidade através do conhecimento científico, estabelecendo os pressupostos do método materialista histórico dialético. (Fonseca, 2019:283)

Amparada por contribuições teóricas-práticas da Teoria da Reprodução Social é que propomos uma reflexão sobre a complexa relação entre a *essência e a aparência* do

processo do envelhecimento e da velhice na sociedade capitalista, cuja aparência ganha contornos de um processo homogêneo sugerindo a superação das múltiplas opressões de raça, gênero, sexualidades e exploração de classe que são estruturantes e estruturadas na sociedade capitalista.

No capitalismo, reduzir a condição de vida da pessoa idosa a estudos que tem por pressuposto a questão de renda, a ocupação do tempo livre com práticas saudáveis, investimentos em tecnologias da saúde, dentre outros aspectos, como um receituário para o “bem envelhecer” com base em um conhecimento empírico imediato ou factual da realidade, ignorando as distintas e diversas mediações que estão pressupostas nesta percepção incorre num equívoco com consequências práticas.

A condição social de exploração e expropriação da pessoa idosa da classe trabalhadora está diretamente ligada à uma condição social de subordinação e desumanização da pessoa idosa mulher e negra e esta mesma lógica pode ser aplicada as opressões de sexualidades, portanto, a “romantização” da velhice não supera e muito menos resolvem essas opressões vivenciadas pela condição de classe na sociedade capitalista.

Ao recuperar a noção marxiana de totalidade social também nos possibilita a compreensão de que a multidimensionalidade da vida social da pessoa idosa não pode ser compreendida pressupondo-se que suas partes – as relações de classe, gênero, sexualidade e raça – sejam “ontologicamente autônomas” e deslocadas do interior da totalidade social capitalista. (Fonseca, 2019)

Ao analisar a questão do processo de envelhecimento e da velhice por esse prisma já nos abre outras possibilidades de análise teórica e pensar estratégias de luta política para que de fato valha a pena o prolongamento da longevidade.

Dessa forma, a TRS nos impulsiona a conceituar relações como o racismo e o sexismo como uma totalidade parcial com características únicas, pertencentes a um todo social, elevando a compreensão das conexões entre as relações de opressão e o modo de produção capitalista a uma concepção mais próxima da complexa realidade social na sua totalidade, onde as partes contém o todo e o todo contém as partes.

Em síntese, a TRS apresenta-se como uma proposta de renovação teórica que está sendo construída cotidianamente

Tem sido recorrente estudos marxistas do processo do envelhecimento e da velhice que conduzem a um viés “utilitarista” da pessoa idosa, como sendo não útil ao capital, visto que neste ciclo etário a aposentadoria se coloca, trazendo a noção de “*descartável*”, análise este que nos contrapomos, considerando-o reduzido a um viés econômico e hierarquizado do modo de produção, negligenciado o espaço da reprodução social, tão quanto fundamental para a manutenção desse modo de produção capitalista.

Se no capitalismo a criança sempre será uma figura do que poderia ser, então o trabalhador aposentado talvez seja, em termos capitalista, o fim de todas as

possibilidades. Mas um quadro analítico de reprodução social que vai além do trabalho assalariado e dos espaços de produção sugere uma compreensão mais robusta do trabalho humano. (Bhattacharya, 2013:p. 27)

Dessa forma, reitero a importância dos escritos marxistas como sendo a melhor forma de compreender e provocar reflexões em torno da velhice e do processo de envelhecimento e sua construção marcada fortemente pelas opressões sob o contexto da sociedade capitalista e, ainda permite sugerir provocações e pistas para a superação de um processo de envelhecimento e de uma velhice marcada por tantas opressões e explorações que estruturam a sociedade moderna.

No tocante a velhice muitas/os pessoas idosas dependem de cuidados no domicílio. E quem cuida dessas pessoas idosas? Nas classes subordinadas, em sua maioria, são as mulheres também idosas, esposas, noras, filha mais velha, as quais prestam um serviço não remunerado, enquanto nas classes proprietárias, quando a pessoa idosa necessita de cuidados, os serviços são prestados por cuidadores profissionais, frequentemente mulheres, embora os homens começam a fazer parte desse serviço. Na classe trabalhadora, a pessoa idosa cuida de seus idosos, prestando um serviço não remunerado, de caráter vocacional, fora do mercado de trabalho.

O mesmo pode ser observado em relação aos cuidados com netas/os, quando os pais trabalham fora e não tem vagas em creches, ou até mesmo quando estas existem, os avós são os responsáveis por levar e buscar as crianças. O mesmo não ocorre em famílias nas classes de proprietários, quando é possível a contratação de “babás” e as crianças frequentam escolas particulares em tempo integral.

Destaco a forma como a sociedade capitalista tem uma tendência profundamente arraigada à crise ou à contradição socio reprodutiva, se por um lado possibilitou o aumento da longevidade, mediante o implemento de racionalidade técnica-científica das tecnologias da saúde, por outro lado, ignorou as seguranças e proteções necessárias para garantir condições de vida a esta população de acordo com as necessidades requeridas na velhice, as quais recaí prioritariamente sobre as mulheres idosas,

“Os déficits de cuidado que experimentamos hoje são a forma que essa contradição assume na terceira e mais recente fase do desenvolvimento capitalista. (...) Por um lado, a reprodução social é uma condição imprescindível para a acumulação sustentada do capital; por outro, a orientação do capitalismo para a acumulação ilimitada tende a desestabilizar os próprios processos de reprodução em que se baseia.” (Fraser, 2013:p.47)

A velhice de mulheres idosas, da classe trabalhadora, tem sido requerida para prestação de cuidados, seja de outras pessoas idosas ou de netos e netas, imposta como um ato vocacional e voluntário, e até mesmo uma obrigação moral, como afirma Fraser (2013) “(...) desde a era industrial, as sociedades capitalistas separam os trabalhos de reprodução social e de produção econômica.”, atribuindo as mulheres os primeiros e aos homens o segundo.

Os estudos relativos ao perfil de cuidadores de idosos no domicílio demonstram que essa atividade recai sobre um único familiar, cuja designação, embora seja informal, geralmente, obedece a quatro fatores, relacionados ao parentesco: ser cônjuge, ser do gênero feminino, já viver com a pessoa idosa e ter relação afetiva, principalmente conjugal e de filhos.

Pesquisa intitulada “Perfil do cuidador familiar de idosos dependentes em convívio domiciliar”, realizada por Lara de Sá Neves Loureiro e Maria das Graças Melo Fernandes, para a dissertação de mestrado “Sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes do município de João Pessoa, Paraíba, Brasil”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba e publicada na Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aponta que “Em relação ao sexo, a maioria destes cuidadores (92,3%) é do sexo feminino, sendo a maioria (75%) residente na casa do idoso.”, e ainda demonstra que é significativo o número de cuidadores acima de 51 anos de idade, ou seja, pessoas em processo de envelhecimento que se encontram independentes, cuidando de pessoas idosas dependentes.

A predominância das mulheres de maior idade no cuidado (92,3%) corrobora com estudos que destacam o papel da mulher idosa como cuidadora, confirmando os dados apresentados por outros autores e pesquisadores desse tema, tais como Diogo MJDE e Duarte YAO; Silveira TM e ou; e, Fernandes MGM, Garcia TR.

Esse aspecto, ainda, está presente não só na sociedade brasileira, pois a mulher ainda é a principal responsável pelo cuidado, inclusive e principalmente na velhice, compreendido, muitas vezes, como uma extensão das atividades domésticas. A atribuição desse papel do cuidador as mulheres, não são arbitrárias, mas obedecem às normas sociais que envolvem o grau de parentesco com o idoso (com prioridade para cônjuge e filhos), gênero (com predominância de mulheres), proximidade física (principalmente aqueles que vivem com o idoso) e proximidade afetiva.

Mesmo quando o trabalho de cuidador é formal há predominância de mulheres, em sua maioria negras e imigrantes, contratadas a baixos salários, algumas vezes, residindo no próprio domicílio da pessoa idosa, ficando a disposição para cuidados em tempo integral.

A questão do cuidado de pessoas idosas confirma a relação entre *exploração*, geralmente ligada à classe e *opressão*, geralmente compreendida por gênero e raça, refletindo se essa divisão expressam um nível concreto para análise.

Relativo as atividades informais, exercida por mulheres idosas, de cuidados com os netos e netas, a literatura tem associado o fenômeno ao aumento da expectativa de vida no Brasil que impactou na convivência, conectando gerações e transformando os arranjos familiares. Evidencia-se que as famílias brasileiras, atualmente, apresentam mais avós do que no século passado e ao examinar essas transformações os avós assumem novos papéis e responsabilidades nesses contextos familiares reformulados. (Zanatta, 2017)

A pessoa idosa vem assumindo um papel sociofamiliar, apontando novas características na microestrutura familiar, pois não é raro que, além de contribuírem financeiramente na sustentação de suas famílias, com frequência assumem cuidados junto aos netos, tanto para o cuidado na infância quanto para formação de crianças e/ou pré-adolescentes.

Cuidar dos netos, em tempo integral ou em parte e/ou coabitarem, é uma ocorrência em vários países e principalmente na sociedade contemporânea. Tais cuidados podem estar relacionados às situações dos pais, como trabalho em período integral, divórcio, consumo de substâncias psicoativas, prisão e morte, levando os avós a assumirem a responsabilidade de cuidados dos(as) netos/as e com isto, colocando-os em dilemas individuais, intrafamiliares e extrafamiliares. (Bragato, Internet:2023, pg.2)

Estudo, descritivo, de corte transversal e abordagem quantitativa, realizado com idosos cuidadores de crianças e/ou pré-adolescentes do município de Uberaba-MG, utilizando a amostra calculada a partir dos 1.627 idosos cuidadores de crianças e/ou pré-adolescentes, referente a cada ESF do município, obtendo amostra de 400 avós, onde os resultados da pesquisa identificaram avós de 60 a 93 anos de idade, de modo que a maioria estava entre 60 e 69 anos, (66,6%), e média de 67 anos. Com relação ao sexo, 343 (87,5%) eram mulheres idosas. (Bragato, Internet:2023)

Segundo os pesquisadores, os dados levantados nesta pesquisa, corroboram com “o relatório de dados British Social Attitudes Survey (BSA) de 1998 e 2009, conduzido pelo NatGen para analisar avós na Grã-Bretanha, encontrou que a maioria dos avós fornecem cerca de 10 horas semanais de cuidados aos netos. Na Europa, outra pesquisa encontrou carga horária de 15 horas semanais de cuidados.” (*Ibidem*)

A relação de cuidado entre avós e netos é um aspecto invisível à produção científica, mas também se trata de uma atividade exercida por mulheres idosas fora do mercado formal de trabalho, portanto não remuneradas.

Nesse sentido, a Teoria da Reprodução Social, afirma-se que “A produção capitalista não é autossustentável e depende da reprodução social”, para que os pais possam vender sua força de trabalho, alguém precisa cuidar dos seus filhos e filhas. Nesse sentido, novamente o trabalho exercido por mulheres idosas no domicílio, o qual garante a venda da força de trabalho no mercado pelos pais adultos, não tem visibilidade para o capitalismo. É na esfera da reprodução social que a pessoa idosa, majoritariamente mulheres, contribui para a produção e reprodução do capital. Assim, descartamos quaisquer análises que inserem a pessoa idosa como improdutiva para o capital e reafirmamos a opressão de gênero e raça que recai sobre as mulheres na velhice.

A mulher negra é cercada de estereótipos e insere-se num contingente invisibilizado que a segrega numa sociedade marcada por modos de ser e de viver que tendem a inferiorizá-la ou desqualificá-la no processo de produção e reprodução do capital estruturado no racismo. Estudos demonstram que, mulheres negras idosas, sobretudo pobres tem

esses estereótipos reforçados por sua condição de pobreza, acirrando as desigualdades e opressões de uma sociedade generificada e racializada, adensado pelas reduzidas políticas sociais.

Os resquícios desse processo generificado e racializado que se organiza na dinâmica do modo de produção e reprodução social do capitalismo, tem fortes impactos na mulher negra “velha”<sup>2</sup>, cuja exploração e opressão de seus corpos envelhecidos por um “sistema” de “trabalho” degradante e humilhante.

Quando pensamos em velhice, gênero, raça e classe, as sexualidades se integram as opressões centradas num corpo biológico envelhecido que se sustentam em narrativas do “proibido”, da “moral”, do “religioso” e da “negação” e do “já foi o tempo”, em oposição ao sexualmente atraente como o corpo da juventude – não sexualmente desejável, não sexualmente desejante e muito menos sexualmente aceitável essas relações na velhice. Trata-se da reafirmação do controle dos corpos das mulheres idosas.

Perpetua-se e acirra as opressões sobre os corpos de mulheres, negras, hoje na velhice, localizado numa determinação hétero e cisnormativa, que foi estruturada para a procriação.

Nessa direção é que a Teoria da Reprodução Social apresenta seu argumento principal, e assim nos ilumina para pensar o processo do envelhecimento e a velhice de mulheres negras,

A teoria da reprodução social mostra como a “produção de bens e serviços e a produção da vida fazem parte de um processo integrado”, como Meg Luxton coloca. Se a economia formal é o local de produção de bens e serviços, as pessoas que produzem tais coisas são, elas mesmas, produzidas fora do âmbito da economia formal a um custo bem baixo para o capital. (Bhattacharya, 2013:113 Grifo nosso)

O aumento da longevidade carrega contradições e parte da solução foi criar novos significados para a velhice, intensificados de diferenças de gênero e modernização ou renovação da dominação masculina, inclusive na velhice, ou seja, o envelhecimento e a velhice de mulheres carregam o fardo das opressões de gênero que perpassam toda a sociedade capitalista.

Como afirma Bhattacharya (2013), “A força de trabalho, em grande parte, é reproduzida por três processos interconectados”: (1) atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção e que a permitem retornar a ele. Elas incluem, entre uma variedade de outras coisas, comida, uma cama para dormir, mas também cuidados psíquicos que mantêm uma pessoa íntegra; (2) atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção - isto é, os que são futuros ou antigos trabalhadores,

<sup>2</sup> O termo velha utilizado não é de forma pejorativa. Santos (2016) afirma que os não negros poderão associar esta expressão conforme sua classe social e relacioná-la a babá, empregadas domésticas, como exemplo, em razão da hierarquização racial e posição social existente no Brasil que impõem às mulheres negras (pretas e pardas) uma condição de subalternidade. Coaduna-se com a visão da autora ao afirmar que o termo “velha” diz respeito a força das mulheres negras como ancestrais, as que vieram antes e contribuíram para ressignificar o antes e o depois das mulheres na sociedade. (SANTOS, 2016, p. 44 e 45).

como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego; e, (3) reprodução de *trabalhadores frescos*, ou seja, dar à luz.

É sobretudo nas “Atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção - isto é, os que são futuros ou antigos trabalhadores, como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego”, que o capitalismo encontrou um espaço útil para as mulheres idosas, exercendo uma atividade invisível para o mercado, mas de fundamental importância para reprodução da força de trabalho. “Essas atividades, que formam a própria base do capitalismo já que reproduzem o trabalhador, são feitas sem cobrança nenhuma para o sistema pelas mulheres e homens dentro do lar e na comunidade.” (Bhattacharya, 2013:103)

Essa percepção iluminada pela Teoria da Reprodução Social (TRS) confirma que o capitalismo é um sistema unitário que integra com êxito, ainda que desigualmente, a esfera da reprodução e a esfera da produção, e a base material da opressão às mulheres está amarrada ao sistema como um todo, permanecendo inalterada na velhice, quando as mulheres idosas assumem papéis de cuidadores na informalidade. Permanecendo também, como em todos os regimes capitalistas, agora financeirizado, a institucionalização da divisão entre produção e reprodução baseada em gênero e raça.

Por conseguinte, qualquer um que argumente que as questões de gênero na velhice são de menor importância, ou mesmo por estarem fora da esfera da produção, considero um grande equívoco, pois qualquer discussão que envolve relações sociais na sociedade organizada sob a égide do capitalismo, em qualquer dos seus regimes é uma questão altamente definida pelo gênero.

É reducionista dizer que as batalhas de gênero na nossa sociedade são as mesmas que as de classe. Mas é correto dizer: 1) seguindo Lise Vogel, que a luta de classe representa a “dinâmica central” do desenvolvimento social; e 2) que é do interesse do capitalismo, como sistema, prevenir qualquer mudança ampla nas relações de gênero, porque mudanças reais vão, em última instância, afetar os lucros. (Bhattacharya, 2013:109)

Por isso, o debate do processo de envelhecimento e da velhice da classe trabalhadora, orientada pela perspectiva de análise da TRS, impõe o debate da questão de gênero na nossa sociedade, considerando que as principais funções da reprodução da classe trabalhadora têm lugar fora do local de trabalho, espaço privilegiadamente ocupado por mulheres em quaisquer etapas de vida, como afirma Bhattacharya (2013:111) “(...) a questão da reprodução está ligada às questões mais fundamentais da nossa sociedade: quem trabalha, para quem e por quanto tempo.”.

E este trabalho do cuidado, exercido na esfera da reprodução social e realizado predominantemente por mulheres, também atende estratificações significativas de raça e classe, assim, a reprodução social não é apenas de gênero, mas também racializada.

Terezinha Bernardo em seu livro “Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo” (1998), realizou um estudo da memória de “velhas” e “velhos” negros, bem como de “velhas” e “velhos” brancos, demonstrando as diferenças marcantes entre as práticas vividas por pessoas idosas negras e brancas, e as distintas experiências de gênero entre estes. Enquanto as mulheres idosas negras narravam São Paulo como uma cidade escura, as mulheres idosas brancas enxergam como a cidade do progresso.

Enquanto o moderno era vivido pelas mulheres idosas brancas, como produtos de limpeza que poderiam ser consumidos para quem tivesse acesso, as mulheres idosas negras lhes restavam conhecer o moderno que se anunciava pelas propagandas, sobretudo postadas nos bondes, quando estas mulheres negras podiam andar nos dias de folga do trabalho. Nos relatos das mulheres idosas negras o trabalho, sempre trabalharam, ressoa como um hino, na maioria das vezes ingressando no trabalho doméstico aos 7 ou 8 anos de idade.

O envelhecimento é uma das manifestações da questão social, visto que expressa a manutenção de desigualdades sociais, e todas as dimensões de opressões estruturantes da sociedade capitalista e por ela estruturada. As totalidades são constitutivas na e por meio da diversidade e do dinamismo dos processos das práticas sociais.

“Os teóricos da TRS ressaltam que, “(...) o conjunto de práticas que reproduzem a vida social é organizado simultaneamente pelas múltiplas relações de dominação e poder, incluindo a raça de modo central. (...) essa teoria nos encoraja a entender as experiências seccionadas e contraditórias como parte de um conjunto mais amplo, dinâmico e materialista de relações sociais – relações criadas, contestadas e reproduzidas pelo nosso trabalho dentro e fora de casa. (...) Ao fazê-lo, esse enfoque teórico nos leva à complexa unidade dos processos multifacetados, mas conectados internamente, pelos quais a vida é reproduzida e, determinadas formas sociais.” (McNally:2023:176)

Este enfoque nos possibilita um olhar mais atento ao caráter entrelaçado do sexismo, racismo e exploração de classe na experiência de mulheres negras idosas da classe trabalhadora. As relações generificadas e racializadas de produção e reprodução capitalistas poderão prover uma unidade substancial a todas essas dimensões da experiência social, das práticas vividas por mulheres idosas, negras da classe trabalhadora.

### **3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Orientada pela matriz teórica de análise da TRS, o referencial teórico subjacente a este estudo, a metodologia proposta para realização da pesquisa se materializa na utilização do recurso da História Oral para a pesquisa de campo por entender que nos permite apreender elementos referentes à vida social de pessoas, cuja história narrada é uma história do tempo presente que permiti registrar a história de vida das pessoas idosas participantes da pesquisa que, ao narrar suas memórias pessoais, também constroem uma visão concreta da dinâmica de vida da trajetória do grupo social ao qual pertence, pois a

história de um é a história de muitos outros do grupo social de pertencimento.

Assim, o recurso da História Oral se constitui num procedimento, com base nos depoimentos orais que serão colhidos sistematicamente, orientado pelos pressupostos teóricos e analíticos que norteiam a presente pesquisa, centrada no objetivo de identificar elementos constitutivas das dimensões de opressões de raça, gênero e sexualidades vividas por pessoas idosas da classe trabalhadora na produção e reprodução social na sociedade capitalista e como essas dimensões são uma unidade na totalidade das relações sociais que se perpetuam no processo de envelhecimento e na velhice.

Para realizar a entrevista de História Oral escolhemos como método ou “caminho”, depoimentos temáticos: gênero, raça e sexualidade.

A pesquisa foi realizada com 8 (oito) participantes com 60 anos ou mais da classe trabalhadora, sendo duas mulheres negras e duas mulheres brancas; dois homens negros e dois homens brancos.

A coleta de depoimentos requereu na maioria das vezes uma média de 3 encontros ou mais, sobretudo quando o tema proposto foi sexualidade. Todos os depoimentos foram registrados em gravações por equipamentos digitais com a prévia autorização do participante da pesquisa, excetuando-se uma participante da pesquisa, do gênero feminino, branca e que experimentou sua trajetória profissional como trabalhadora do sexo, a qual não autorizou a gravação por ter sido acometida por AVC e ter tido sua fala comprometida, dificultando a compreensão nas gravações, somada a dolorosas lembranças de sua trajetória de vida, solicitou que não fosse gravada, e foi respeitada.

Nos encontros, no decorrer dos depoimentos das experiências vividas pelos participantes, foram observadas gestos, atitudes, expressões como por exemplo, ao narrar determinado fato, recorrência a fotos e outras atitudes que manifestadas no transcorrer do depoimento, como por exemplo, a timidez das mulheres ao falarem sobre a sexualidade, quase sussurrando. Tais atitudes tem contribuindo para compreensão e análise do passado presente que se materializam nas dimensões de opressões de raça, gênero e sexualidade experimentadas pela classe trabalhadora na reprodução da vida na sociedade numa sociedade de classes organizada pela égide do modo de produção capitalista.

Consideramos que a História Oral trouxe contribuições a nossa pesquisa para além dos textos já produzidos sobre a experiência de vida de pessoas idosas e, a luz da Teoria da Reprodução Social, a análise que encontra-se em andamento, tem apontado elementos importantes que conformam o pressuposto de nosso estudo que considera a vida na atual sociedade genereficada, racializada e de controle da sexualidade como fundamento estruturado e estruturante da sociedade como uma unidade na totalidade.

Por meio dos relatos orais a História permitiu reconhecer as vidas e as opressões políticas-sociais e culturais experimentadas por mulheres negras e opressões na dimensão da sexualidade, possibilitando reconstruir a história/memória destas pessoas idosas, bem como suas formas de resistência. Essas histórias tem permitido confrontar com fontes

escritas e imagéticas de estudos sobre o envelhecimento.

O local e horário dos encontros para coleta de depoimentos foram definidos pelos participantes da pesquisa, cujo tema a ser tratado foi informado previamente por esta pesquisadora. Foram evitados locais públicos e a presença de pessoas não envolvidas diretamente na pesquisa, objetivando a autonomia do participante para reconstituir o período vivido mentalmente, em média a duração de cada depoimento foi 2h30.

A recorrência a apresentação de fotos, cartas, vídeos e outros documentos por parte do participante em determinados momentos da pesquisa foram muito bem vindos para auxiliar a análise da pesquisa. Em alguns encontros foi necessário a interrupção das entrevistas por principais motivações: a exaustão, cansaço e outras atitudes, tais como emoções e lágrimas ao lembrar determinadas memórias e situações. Quando interrompida a entrevista foi marcado um novo encontro.

E, por fim, foram resguardados todos os cuidados éticos aos participantes da pesquisa, desde a garantia de autonomia e liberdade para os depoimentos, sem quaisquer tipos de interrupções e a construção de uma relação dialógica que possibilite um ambiente leve e agradável com os participantes.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já explicitado ao início deste documento, trata-se de uma pesquisa para subsidiar o pós-doutoramento que se encontra em andamento. A publicação desse texto teve como objetivo compartilhar as inquietações em torno do processo do envelhecimento e da velhice, bem o caminho que vem sendo trilhado para responder tais inquietações. Portanto, trata-se de um estudo ainda em construção, encontrando-se em fase de análise da coleta de depoimentos, momento que tem imposto a ampliação de debates com novas literaturas e distintos autores, vez que os depoimentos trouxeram novos elementos.

Em nenhum momento, o presente estudo e sobretudo a pesquisa realizada, se pretendeu esgotar o assunto, longe disso, a intenção foi provocar e ampliar o debate sobre o processo de envelhecimento e da velhice numa perspectiva de totalidade das relações sociais constitutivas de uma sociedade capitalista, estruturada por relações de classe, gênero, raça e controle de sexualidades.

Dentre os esforços pretendidos, mediante o recorte temático do campo da velhice, talvez a questão da sexualidade da pessoa idosa é a que tem nos trazido maiores desafios, visto que este tema enfrenta tabus e resistência de modo geral, quiçá em tratando de sexualidade de pessoas idosas. O momento da coleta dos depoimentos, por si só, já demonstra os limites do tratamento desse tema.

Não temos ainda análise dos depoimentos finalizados, apenas transcritos, porém no próprio ato das transcrições e releitura dos depoimentos, tenho sido convidada a recorrer a outros estudos que trataram da Velhice ao longo do tempo, dentre estes destaco Simone

de Beauvoir em seu livro *a Velhice*, que se dedicou a reconstruir as atitudes de distintas sociedades em relação a velhice, apontando elementos que se perpetuam e outros que se modificam de acordo com o contexto societário, destacando em vários momentos as atitudes das distintas sociedades em relação a pessoa idosa e as distintas relações com estas em relação ao gênero.

Encontra-se em produção também, outros artigos que pretendo publicar, objetivando ampliar o debate, porém, por mais que apresente documentos contidos de reflexões a partir com diálogo com a literatura e distintas áreas do conhecimento, nada poderá ser mais rico e potente do que a própria narrativa dos participantes da pesquisa, os quais, ao sussurrar suas experiências em relação a sexualidade e negar hoje o desejo, dizem mais alto do que qualquer documento já produzido em relação ao tema. O mesmo sentimento em relação a experiência de classe, gênero e raça, a qual revela a perpetuação das opressões presente na sociedade e encontram um relativo conformismo na velhice.

Espero realmente contribuir com o debate, trazendo muito mais provocações do que respostas a experiência do processo do envelhecimento e da velhice nas condições de classe, opressão de gênero, raça e sexualidade, objetivando o enfrentamento dessas dimensões em toda a vida humana, rompendo com o silêncio da pessoa idosa, cujas leis e estatutos, na maioria das vezes, são elaboradas por aqueles que ainda não experimentaram a velhice. Assim, conclamo nessa pesquisa o protagonismo da pessoa idosa como seu principal interlocutor e seu protagonismo em todas as tomadas de decisões que envolvam o tema do processo do envelhecimento e da velhice.

## REFERÊNCIAS

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Educ: Fundação Editora da Unesp. 1988.

BHATTACHARYA, Tith (org.). *Teoria da Reprodução social: remapear a classe, recentralizar a opressão*. Ed. Elefante/SP, 2019.

\_\_\_\_\_. *“O que é a teoria da reprodução social?”* Originalmente publicado em 10 set. 2013 no periódico Socialist Worker. Tradução para o português publicada na Revista Outubro, n.32, 1º semestre, 2019.

BRAGATO AG da C, GARCIA LAA, CAMARGO FC, Paula FFS de, MALAQUIAS BSS, ELIAS HC, et al. *Grandparents that take care of grandchildren: analysis of the care profile and intensity*. *Cogitare Enferm*. [Internet]. 2023 [cited “insert year, month and day”]; 28. Available from: <https://dx.doi.org/10.1590/ce.v28i0.88190>.

CISNE, Mirla. *Relações sociais de sexo, “Raça”/Etnia e classe: uma análise feminista-materialista*. In: Revista Temporalis, Brasília(DF), ano 14, n.28, p. 133-149, jul./dez.2014.disponível In: <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p133-149>, acesso em 15 de set/2023.

DAVID, McNally. *Interseções e dialética: reconstruções críticas na teoria da reprodução social*. In: BHATTACHARYA, Tith (org.). **Teoria da Reprodução social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. Ed. Elefante/SP, 2019. p. 155-180

Diogo MJDE, Duarte YAO. *Cuidados em domicílio: conceitos e práticas*. IN: Freitas EV (org). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002. Cap. 92, p.762-67

Fernandes MGM, Garcia TR. *Atributos da tensão do cuidador familiar de idosos dependentes*. Rev Esc Enferm USP. 2009b; 43(4): 818-24.

FRAZER, Nancy. *Crise do cuidado? Sobre as contradições socioprodutivas do capitalismo contemporâneo*. In: BHATTACHARYA, Tith (org.). **Teoria da Reprodução social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. Ed. Elefante/SP, 2019. p. 45-70

FONSECA, Rhaysa Ruas. *Unidade, diversidade, totalidade: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes*. 2019. 225 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas*. In: Revista Direito e Prax., Rio de Janeiro, Vol. 12, n. 1, 2020, p. 379-415.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª. Ed. Edições Graal Ltda. Rio de Janeiro – RJ, 1988.

LOUREIRO, Lara de Sá Neves, FERNANDES, Maria das Graças Melo. In: *Journal of Research Fundamental Care Online*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Perfil do cuidador familiar de idosos dependentes em convívio domiciliar*. Trabalho extraído da dissertação de mestrado “Sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes do município de João Pessoa, Paraíba, Brasil”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online E-ISSN: 2175-5361 rev.fundamental@gmail.com Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (J. res.: fundam. care. online 2015. dez. 7(supl.):145-154)

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011 [1857-1858].

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867].

SANTOS, N. M. C. *Negras velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. 2016. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Programa de Pós- graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016

SILVEIRA TM, Caldas CP, CARNEIRO ZCT. *Cuidando de idosos altamente dependentes na comunidade: um estudo sobre cuidadores familiares principais*. Cad. Saude Publica. 2006; 22(8): 1629-38.

VOGEL, Lise. *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*. Tradução: Equipe de Trad. do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS): Camila Carduz Rocha, Carla Benitez, Clara Saraiva, Gabriela Azevedo, Lívia de Cássia Godoi Moraes, Mariana Shinohara Roncato, Patrícia Cotta, Patrícia Rocha Lemos, Rhaysa Ruas. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2022. Disponível in: <https://lgbtcomunista.org/2022/07/27/texto-3-marxismo-e-a-opressao-as-mulheres-por-uma-teoria-unitaria-por-lise-vogel/> acesso em 10 de set2023.

Zanatta E, Arpini DM. *Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas*. Estud. Pesqui. Psicol. [Internet]. 2017 [cited 2021 mar. 13]; 17(1):343-363. Available from: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35164/24865>